

# GRANDEZAS

## e tragédias do Trabalho

Chegou-nos à mão longa carta de um ilustre Pároco de região fabril, comentando as reivindicações cristãs do trabalho que o quinzenário «O Trabalhador» vem publicando.

Em resumo, apparecem na carta três observações. O trabalhador rural encontra-se em muito pior situação do que o operário industrial: não tem horário de trabalho, não goza de férias pagas, não tem previdência nem assistência, e não ganha quasi nada. Isso é que é o verdadeiro eseravo. Em segundo lugar, o operário não tem consciéncia, regra geral, porque não trabalha senão a vista do patrão ou seu delegado. Devem portanto pregar-se direitos, mas convém não esquecer os deveres, porque, de contrario, sem o trabalho consciéncioso, a Nação afundar-se-á. Finalmente o operário, ganhando razoavelmente, nada economiza, gastando tudo no luxo, na embriaguez, no fumo, no jogo, na habota, na devassidão, etc., e deixando a familia na desgraça.

Esta carta, pela muita observação que encerra, merece uma resposta. E vamos dá-la por partes.

E, em primeiro lugar, trabalho rural e trabalho industrial.

Somos os primeiros a reprovar o abandono a que tem estado condemnado o nosso pobre e honrado camponês, laborioso e persistente, que moureja dia e noite, quasi sem compensação nem estímulo, e que, afinal, constitui a parte mais sã e vigorosa do povo português, aquella que mantém forte a nossa raça e dá honra e glória à Pátria como nenhuma outra classe. Também até elle deve descer, num banho de compaixão, o olhar complacente dos governantes e o interesse de políticos, sociólogos e economistas.

Mas não pode confundir-se, iguarlar-se o trabalho rural com o trabalho industrial.

No primeiro, é a vida em familia, o ar livre, as belezas da natureza a emoldurar o esforço, a entoar o cântico do amor e da produção, e, nesse blinho encantador, o estímulo da propriedade, da independéncia, da liberdade, a certeza, regra geral, de que o trabalho é nosso, para nós, para a familia, para os filhos. O campo rega-se com o suor dos rostos, em trabalho duro e insano, mas o campo é como que parcela querida do nosso próprio ser, transmitido de geração em geração e fecundado pelas lágrimas e pelo sangue dos nossos maiores. E' um trabalho que gera o amor e a virtude.

Não assim o trabalho industrial. Nêle tudo se perde: a liberdade, a alegria, a independéncia, o ar livre, o amor, a luz e o estímulo. O operário deixa mesmo de ser homem, para ser máquina, mercadoria, instrumento cego do lucro. A fábrica tudo substitui: a consciéncia, a familia, a honra, a dignidade, o brio, a intelligéncia, a vontade, o coração. Já Pio XI afirmou que da fábrica só a matéria sai enobrecida porque o homem nela se corrompe e avilta. O operário sente-se diminuído. Trabalha no que não lhe pertence. Recebe um salário, mas não colhe uma recompensa. Produz um esforço, mas não ama a produção, essa mercadoria que vê ser mais estimada do que elle próprio, e que não fica ao seu serviço, antes o reduz a elle à escravatura.

Vossa Reverência deve saber porque o deve sentir, que a virtude, a honradez, a honestidade, dos seus paroquianos do campo está muito acima das virtudes dos seus paroquianos das fábricas. Quem conservou nuns a saúde moral e mergulhou outros no vício? Porventura a falta de regalias será causa de virtude? Porventura melhor remuneração, maior tempo de descanso, férias pagas, previdéncia serão motivos de corrupção? Por certo que não.

São as condições degradantes do trabalho-cativeiro, do trabalho-mercadoria, do trabalho-máquina, as grandes causas da imensa ruína moral das classes operárias. Quando o aprendiz entra na fábrica e é logo dominado pelo ruído das máquinas, pelo ar carregado do ambiente, pela promiscuidade das secções, pela caréncia de hygiene; quando sente não ser mais do que um simples numero sem valor, sem aprêgo, sem nenhuma espécie de consideração; quando percebe que nada o prende ao trabalho, que nada o chama ao amor, que ninguém acompanha o seu esforço, que ninguém compreende as suas dificuldades, sente degradar-se a sua alma, e bem depressa as suas talvez excellentes qualidades humanas se vão perdendo, uma a uma, para não ficar na sua mente, mais do que uma ideia essencial, destruidora, brutal: proletário!

Culpa dêle? Eu não quero insultar o trabalhador das fábricas, porque não o merece. Culpá-lo seria a mais negra das injustiças.

E' certo que comete muitos abusos, desperdiça muito dinheiro, enche as tabernas e os lugares de corrupção. Mas não foi a fábrica que o brutalizou? Não foi a mecanização, a racionalização que o materializou? Não foi uma economia sem alma e sem consciéncia que o degradou? Quem lhe arrancou o amor da familia senão a fábrica que o arrancou

é familia, sem lhe deixar sequer no lar a mulher, a noiva ou a mãe, que deveria ser o seu amparo, o seu grande amor, a sua vigilante educadora e companheira? Quem lhe arrancou o amor do proximo, senão a fábrica que lhe matou o amor e a estima pelo valor da pessoa humana? Quem lhe tirou o amor de Deus, senão a fábrica onde não impera o temor de Deus, mas onde se adora o bezerro de oiro, e tudo se submete ao império universal do lucro?

O que estiver isento de culpas, que lhes atire a primeira pedra. Leão XIII achava que operário industrial estava acorrentado a uma miséria imerecida. Imerecida, sem dúvida, a sua miséria moral e tanta vez, material também.

Resgatar a classe operária, libertá-la desta miséria e degradação não é tarefa muito fácil. Mas, se não é fácil, nem por isso, deixa de ser humana e cristã.

O operário tem qualidades magnificas. Se está corrompido e degradado, pode elevar-se e salvar-se, porque é um homem e muita vez um cristão. Mas a redenção proletária supõe e exige uma transformação radical da própria estrutura económica e um esforço colectivo de auto-resgate.

Ninguém como o clero pode auxiliá-la nesta imprescindível redenção. E' ninguém como o operário corresponde, generosamente, a mão salvadora, dignificadora que se lhe estender.

Vende-se diminuído, proletarizado, desumanizado, hemdirá aquêle que fizer dêle um homem, e o libertar da tirania brutal da matéria.

Mas como êste vai longo, continua, remos.

ABEL VARZIM